

NOITE DE NATAL

Foi-se o dia da véspera do Natal. Caiu uma clara noite de inverno. No alto apareceram as estrelas. A Lua subiu majestosa ao céu a fim de iluminar os homens de boa vontade e o mundo inteiro para que todos se sentissem alegres e cantassem *koliadas*,¹ glorificando o Cristo. Fazia mais frio que ao amanhecer; mas em compensação o silêncio era tão grande que a meio quilômetro se ouvia o ranger da neve sob as botas de alguém. Ainda não tinha aparecido nenhum grupo de rapazes ao pé das janelas das casas; apenas a Lua as espiava às furtadelas, como se convidasse as mocinhas enfeitadas a correrem para a neve rangente. De repente, torvelinhos de fumaça subiram da chaminé de uma casa e como uma nuvem ganharam o céu, e com a fumaça subiu uma bruxa montada numa vassoura.

Se nesse momento passasse por ali o assessor administrativo de Sorótchintsi,² em sua carruagem puxada por uma

troica de cavalos, de chapéu de pele com tarja de couro de cordeiro, à moda dos ulanos, casaco de pele azul forrado de *smuchka*³ preta e com aquele chicote diabolicamente entrançado com que costuma apressar o seu cocheiro, na certa ele a notaria, porque nenhuma bruxa no mundo escaparia ao assessor de Sorótchintsi. Ele sabe com precisão quantos leitões pare a porca de cada mulher, quantos cortes de tecido há no fundo de cada baú e que parte de seu vestuário e de seus bens as boas almas penhoram nas tabernas, aos domingos. Mas o assessor de Sorótchintsi não passou; aliás, o que lhe importava a terra alheia quando tinha o seu distrito? Enquanto isso, a bruxa subira tanto que apenas uma manchinha negra tremeluzia lá em cima. Mas, por onde quer que a mancha passasse, as estrelas desapareciam uma atrás da outra. Ao cabo de alguns instantes a bruxa já havia enchido a sua manga com elas. Umhas três ou quatro ainda brilhavam. De repente outra manchinha apareceu do lado oposto ao da bruxa, cresceu, começou a se estender e deixou de ser manchinha. Um míope, mesmo que, em vez de óculos, pusesse na cara as rodas da caleche do comissário, nem assim conseguiria descobrir o que era aquilo. O que havia adiante era um autêntico alemão:⁴ a cara fina, que girava sem parar e cheirava tudo o que ia encontrando pela frente, acabava num focinho redondo como os dos nossos porcos, e as pernas eram tão finas que se as do alcaide de Yareskov⁵ fossem iguais, iriam quebrar-se no primeiro *kozatchók*.⁶ Mas em compensação ele era pelas costas um autêntico advogado de provín-

cia uniformizado, porque o rabo que tinha pendurado era tão pontudo e longo como as abas das casacas de hoje em dia; só pela barba de bode que tinha debaixo do focinho, os pequenos chifres que lhe apontavam da cabeça e a cor de todo o corpo, que não era mais alvo que o de um limpador de chaminé, era possível perceber que não se tratava de alemão nem de advogado de província, mas simplesmente do diabo, a quem restava a última noite para vagar pelo mundo iniciando no pecado os homens de bem. Ao cair da madrugada, às primeiras badaladas das matinas, correria para a sua toca com o rabo encolhido e sem olhar para trás. Enquanto isso, o diabo se acercava furtivamente da Lua e já ia estirando o braço para agarrá-la; mas de repente a empurrou como se tivesse se queimado, chupou os dedos, balançou uma perna, contornou-a e voltou a pular para trás e recolher a mão. Mas, apesar de todos os malogros, o astuto diabo não desistiu das suas travessuras. Depois de acercar-se, agarrou a Lua com as duas mãos, fazendo caretas e soprando-as, passando-a de uma para a outra mão como um mujique que pega brasa com as mãos para o seu cachimbo. Por fim escondeu-a apressadamente no bolso e, como se nada tivesse acontecido, seguiu em frente. Em Dikanka ninguém notou como o diabo roubara a Lua. É verdade que o escrivão distrital, ao sair de quatro da taberna, viu a Lua dançando sem quê nem pra quê lá no céu e jurava por Deus a todo o povoado sobre o que tinha visto; mas os leigos balançavam a cabeça e até zombavam dele. No entanto, que motivo teria levado o diabo a cometer um ato de tamanha ilegalidade? Eis o motivo: ele sabia que o rico cossaco Tchub havia sido convidado pelo sacristão para um *kutiá*,⁷ ao qual compareceriam: o alcaide, um chantre parente do sacristão, que cantava no coro do bispado, usava sobre-

casaca azul e tirava o baixo mais grave, o cossaco Svierbiguz e mais alguém; ali, além do *kutiá*, haveria também pastezinhos, vodca açafroada e uma grande variedade de comestíveis. Enquanto isso ficava em casa a filha de Tchub, com aquela beleza que preenchia toda a aldeia, e certamente seria visitada pelo ferreiro, tipo hercúleo e rapagão para homem nenhum botar defeito, a quem o diabo detestava mais que às pregações do padre Kondrat. Nas horas de ócio, o ferreiro se dedicava à borradura e ganhara a fama de ser o melhor pintor das redondezas. Quando ainda estava bem de saúde, L..., chefe de um esquadrão de cossacos, convidou-o especialmente a Poltava para pintar uma amurada de madeira ao lado de sua casa. Todas as tigelas em que os cossacos de Dikanka sorviam o seu *borsb*⁸ eram lambuzadas pelo ferreiro. O ferreiro era um homem temente a Deus e frequentemente desenhava imagens de santos, e até hoje ainda se pode ver na igreja de T... o evangelista Lucas pintado por ele. Mas o momento triunfal de sua arte foi quando ele lambuzou um quadro na parede do adro direito de uma igreja, no qual reproduziu São Pedro no dia do Juízo Final, de chaves na mão e expulsando do inferno o espírito mau; assustado, o diabo corria para todos os lados, pressentindo o seu fim, enquanto os pecadores, antes trancafiados no inferno, o fustigavam a chicotadas, cipoadas e com tudo o que iam encontrando. Enquanto o pintor trabalhava nesse quadro, pintando-o numa grande placa de madeira, o diabo procurava perturbá-lo por todos os meios; empurrava-lhe invisivelmente o braço, levantava cinza da forja e polvilhava o quadro; mas, apesar de tudo, o trabalho foi concluído, o quadro levado para a igreja e embutido na parede do adro, e desde então o diabo jurara vingar-se do ferreiro. Restava-lhe apenas uma noite para vagar pelo mundo; mas nessa noite procurava um meio de des-

carregar a sua raiva sobre o ferreiro. Foi com esse fim que resolveu roubar a Lua, contando com o fato de que o velho Tchub, preguiçoso e pesadão, não morava nada perto da casa do sacristão, e teria de percorrer um caminho que se arrastava por fora do povoado, passava ao lado de moinhos, de um cemitério, contornava um barranco. Numa noite de luar, vá lá que Tchub fosse atraído por pasteizinhos e vodca açafroada. Mas naquela escuridão era de duvidar que alguém conseguisse arrancá-lo de perto da lareira e tirá-lo de casa. E então o ferreiro, que desde muito tempo não andava de bem com Tchub, apesar de toda a sua força não ousaria visitar-lhe a filha com ele em casa. Pois bem, foi só o diabo esconder a Lua no bolso para que de repente o mundo inteiro ficasse tão escuro, que encontrar o caminho da taberna, ainda mais o da casa do sacristão, não era para qualquer um. Vendo-se subitamente na escuridão, a bruxa deu um grito. Nisso o diabo, que se desfazia em rapapés, pegou-lhe a mão e pôs-se a segredar-lhe ao ouvido aquilo mesmo que sempre se segreda a todo o sexo feminino. O nosso mundo é realmente esquisito! Todos os seus viventes estão sempre tentando macaquear e arremedar uns aos outros. No passado, havia casos em Mírgorod em que o juiz ou o alcaide andavam de *tulupes*⁹ durante o inverno, enquanto os pequenos funcionários usavam apenas casaco de couro sem forro. Hoje em dia até o assessor e o fiscal resolvem alcatroar seus novos casacos de *smuchka* de Rechetílovka, cobertos de pano. No ano retrasado o escrevente e o escrivão distrital compraram brim azul de quarenta copeques o metro. O sacristão mandou fazer para o verão bombachas de nanquim e um colete de fio de lã listrado. Em suma, todo mundo quer aparecer! Quando é que essa gente vai deixar de ser fútil! Sou capaz até de apostar que muitos acharão um assombro ver o diabo também procurando fazer

o mesmo. O pior é que ele certamente se acha bonito, embora a figura — dá até vergonha olhar. A cara, como diz Fomá Grigórievitch, é o horror dos horrores, e mesmo assim ele também faz seus cortejos amorosos! Mas no céu e sob o céu ficou tão escuro que já não se podia enxergar nada do que acontecia entre os dois.

* * *

— Então, compadre, quer dizer que você ainda não visitou o sacristão na casa nova? — perguntava o cossaco Tchub, saindo de sua isbá, a um mujique alto, magro, de *tulup* curto e barba crescida, sinal de mais de duas semanas sem contato com um pedaço de gadanha, que o mujique costuma usar para fazer a barba por falta de navalha. — Agora mesmo ele vai oferecer um bom pileque! — continuava Tchub com um sorriso largo. — É só a gente não se atrasar. — E ajustou o cinturão que lhe prendia solidamente o *tulup*, enterrou com força o gorro de pele na cabeça, segurou com firmeza o chicote, terror dos cachorros inoportunos, mas parou ao olhar para o céu... — Que diabo é isso! Olhe, olhe só, Panás!...

— O quê? — pronunciou o compadre e também levantou a cabeça.

— Como o quê? A Lua sumiu.

— Que diabos! Realmente sumiu.

— Pois é, sumiu — disse Tchub, um tanto aborrecido com a inabalável indiferença do compadre. — Para você talvez dê no mesmo.

— E o que é que eu posso fazer?

— Algum diabo tinha de meter o bedelho — continuou Tchub, limpando o bigode com a manga da camisa. — Tomara que esse cão não arranje nem uma taça de vodca para tomar de manhã!...¹⁰ Palavra, parece até gozação... Eu, em casa, olhava à toa pela janela: a noite estava um sonho. Tudo

claro; a neve brilhando ao luar. Tudo visível como se fosse de dia. Nem bem consegui sair pela porta, olhe o que encontrei: um breu.

Tchub ainda ficou muito tempo resmungando e blasfemando, enquanto pensava que decisão tomar. Estava morrendo de vontade de ir à casa do sacristão jogar conversa fora, onde, sem qualquer sombra de dúvida, já estariam o alcaide, o baixo recém-chegado e Mikita, o fabricante de breu, que de duas em duas semanas ia a Poltava a negócios e contava piadas que faziam as pessoas rolarem de rir. Tchub já imaginava a *varienukha*¹¹ sobre a mesa. Tudo era sedutor, verdade; mas a escuridão da noite lhe fazia lembrar aquela indolência que todos os cossacos tanto apreciam. Que bom seria estar agora deitado na *lejanka*¹² com as pernas encolhidas, fumando tranquilamente seu cachimbo e ouvindo, na embriaguez da modorra, as *koliadas* e as cantigas dos alegres rapazes e moças amontoados ao pé das janelas! Sem dúvida ele se decidiria pela *lejanka* se estivesse só, mas agora não era tão maciente e temível para os dois andar pela noite escura e, ademais, ele não queria aparecer como indolente ou medroso aos olhos dos outros. Terminando de praguejar, Tchub tornou a dirigir-se ao compadre.

— Então, compadre, a Lua sumiu mesmo?

— Sumiu.

— É esquisito, palavra. Dê-me um rapezinho. Seu tabaco é uma beleza. Onde o consegue?

— Beleza coisa nenhuma! — respondeu o compadre, fechando a tabaqueira de bétula, ornada de desenhos gravados.

— Não faz nem uma galinha velha espirrar!

— Eu me lembro — continuou assim mesmo Tchub —, eu me lembro que uma vez o finado Zuzúlia, o taberneiro, me trouxe tabaco de Niéjin. Eta, beleza! Tabaco bom tava ali! E então, compadre, o que vamos fazer mesmo? Aí fora está escuro!

— Bem, o jeito é a gente ficar em casa — disse o compadre, pondo a mão na maçaneta da porta.

Se o compadre não tivesse dito isso, Tchub certamente teria resolvido ficar em casa, mas agora era como se alguma coisa o empurrasse a fazer o contrário.

— Não, compadre, vamos! não podemos desistir, precisamos ir!

Mal acabara de dizer isso e já estava se recriminando por ter dito. Para ele era muito desagradável sair vagando numa noite como aquela; mas se consolava porque esse tinha sido o seu propósito e assim ele agia, desconsiderando os conselhos que lhe haviam dado. O compadre, que não esboçara em seu rosto nenhum sinal de insatisfação, como uma pessoa para quem não faz a mínima diferença ficar em casa ou sair, olhou ao redor, coçou os ombros com o bastão, e os dois compadres se puseram a caminho.

* * *

Agora vejamos o que fazia a bela filha de Tchub depois de ficar sozinha. Osana ainda nem tinha completado dezessete anos, e já em quase todo o mundo e em todas as bandas de Dikanka só se falava nela. Os rapazes proclamavam em coro que moça mais bonita nunca houvera nem haveria jamais na aldeia. Osana estava a par e dava ouvidos a tudo o que diziam a seu respeito, e tinha os caprichos da mulher bela. Se não usasse *plakhta*¹³ com avental, mas qualquer quimonozinho, derrubaria todas as suas concorrentes. Os ra-

pazes andavam aos bandos atrás dela, porém, depois de perderem a paciência, foram se afastando pouco a pouco e procurando outras menos mimadas. O único obstinado era o ferreiro, que não desistia dos seus galanteios, embora ela lhe desse um tratamento igualzinho ao que dispensava aos outros. Depois da saída do pai, ela ainda ficou muito tempo se emperiquitando e se requebrando diante de um pequeno espelho com moldura de estanho, e não cansava de se admirar. “Por que as pessoas acham de espalhar que eu sou bonita?”, dizia ela como que distraída, com o único fim de falar sozinha sobre alguma coisa. “Mentira, não sou nada bonita.” Mas o rosto viçoso, vivo e juvenil que resplandecia no espelho, com aqueles olhos negros e brilhantes e aquele sorriso de uma simpatia indescritível que incendeia a alma, de repente demonstrou o contrário. “Será que os meus cílios negros e os meus olhos são tão bonitos que não existem iguais no mundo?”, continuava a bela sem largar o espelho. “O que há de bonito nesse nariz arrebitado? e nessas faces? e nesses lábios? Por acaso as minhas tranças negras são bonitas? Oh! Dão até medo de noite; são como cobras compridas que se entrelaçaram e se enroscaram em torno da minha cabeça. Agora estou vendo que não sou nada bonita!” E, afastando um pouco o espelho, exclamou: “Não, eu sou bonita! Ah, como sou bonita! Uma maravilha! Que alegria darei a quem me tiver como esposa! Como meu marido vai se deleitar comigo! Não vai caber em si. Vai me matar de beijos”.

“Um encanto de menina! — disse em voz baixa o ferreiro, que entrara de mansinho —, e nem um pouco vaidosa! Já faz uma hora que está aí em pé, contemplando-se no espelho, e não se cansa de se contemplar, e ainda se elogia em voz alta!”

“Ora, rapazes, vocês lá são par para mim? Olhem — continua a bela coquete —, vejam como meu andar é suave: minha blusa é de seda vermelha. E que laços de fita eu tenho no cabelo! Em toda a sua existência vocês não verão galões

mais ricos! Meu pai me comprou tudo isso para que o melhor rapagão do mundo se casasse comigo!” — e voltou-se sorrindo para o outro lado, dando de cara com o ferreiro...

Deu um grito e parou com ar severo diante dele.

O ferreiro pasmou.

É difícil narrar o que exprimia o rosto amorenado da encantadora mocinha: transparecia severidade; e por entre a severidade, um quê de chacota para com o desconcertado ferreiro, e um rubor quase imperceptível de irritação se espalhando em tons delicados pelo rosto; e tudo isso tão misturado e tão indescritivelmente belo que beijá-la um milhão de vezes era o melhor que se poderia fazer.

— O que foi que você veio fazer aqui? — começou Osanna. — Será que quer ser jogado porta afora a pazadas? Vocês todos são mestres em nos cortejar. Farejam logo quando os nossos pais não estão em casa. Ah! Sei quem são vocês! E então, minha arca está pronta?

— Vai ficar pronta, meu coraçãozinho, depois das festas vai ficar pronta. Se você soubesse o quanto eu já me empenhei nela: passei duas noites sem me afastar da forja, mas em compensação nenhuma filha de pope terá uma arca igual.¹⁴ Fiz os adornos de um ferro que não usei nem na charrete do chefe de esquadrão dos cossacos naquela vez em que fui a Poltava fazer aquele serviço. E que desenhos vai ter! Pode percorrer todas as redondezas com os seus pezinhos alvos que não encontrará outra igual! Por toda a superfície se espalharão flores vermelhas e azuis. Vai brilhar como uma chama. Não fique zangada comigo! Deixe-me pelo menos conversar, pelo menos olhar pra você!

— E quem está proibindo? Pode falar e olhar!

Em seguida sentou-se no banco, tornou a se olhar no

espelho e pôs-se a ajeitar as tranças na cabeça. Contemplou o colo, a nova blusa de seda, e uma leve sensação de vaidade desenhou-se em seus lábios e nas faces viçosas, irradiando-se nos olhos.

— Deixe eu me sentar a seu lado! — disse o ferreiro.

— Sente-se — pronunciou Osana, conservando nos lábios e no olhar a mesma sensação.

— Minha querida, minha encantadora Osana, deixe-me beijá-la! — disse o ferreiro animado, e apertou-a contra si no intento de lhe roubar um beijo; mas Osana afastou a face que já estava a uma ínfima distância dos lábios do ferreiro e o empurrou.

— E o que que você ainda vai querer? Não pode ver mel, que vai logo querendo a colher! Vá embora daqui; suas mãos são mais ásperas do que o ferro. E, além disso, ainda cheira a fumaça. Assim você me suja toda de cinza.

Puxou para si o espelho e se pôs novamente a se arrumar diante dele.

“Ela não gosta de mim — pensou consigo o ferreiro, cabisbaixo. — Só quer saber de brinquedo; fico aqui postado diante dela como um imbecil sem tirar os olhos de cima dela. E mesmo assim eu ficaria plantado diante dela e passaria a vida inteira sem tirar os olhos de cima dela! Uma mocinha linda! O que eu não daria para saber o que tem no coração e de quem gosta! Mas não, para ela ninguém serve. Vive encantada consigo mesma, atormentando o pobre de mim; e eu, cego de tristeza; mas eu a amo tanto como homem nenhum neste mundo jamais amou nem vai amar.”

— É verdade que sua mãe é uma bruxa? — perguntou Osana e deu uma risada. E o ferreiro sentiu que no seu íntimo tudo se punha a rir. Era como se aquele riso tivesse ecoado ao mesmo tempo em seu coração e em suas veias, que lentamente se agitavam, e junto com tudo isso, um desgosto lhe calou fundo na alma porque ele não podia cobrir de beijos aquele rosto que com tanta simpatia se desmanchava em risos.

— Que me importa minha mãe? Para mim você é mãe, pai e tudo o que há de precioso no mundo. Se o rei me chamasse e dissesse: “Ferreiro Vakula, pede-me o que houver de melhor no meu reino, que eu te darei. Ordenarei que te façam uma forja de ouro, e tu passarás a martelar com martelos de prata”. — “Não quero”, diria eu ao rei, “nem pedras preciosas, nem forja de ouro, nem todo o teu reinado. Prefiro que me dês minha Osana!”.

— Você, hein! Só que meu pai não é cego. Isso você verá quando ele não se casar com sua mãe — disse Osana, sorrindo cheia de malícia. — E as meninas que não chegam, sim senhor!... O que significaria isto? Há muito já é hora da *koljada*. Está começando a ficar chato.

— Que fiquem com Deus, minha linda!

— Era só o que faltava! na certa elas virão acompanhadas de rapazes. E então haverá baile. Imagino as histórias engraçadas que vão contar!

— Então você se sente alegre na companhia deles?

— Com certeza mais alegre do que na sua. Ah! Bateram à porta, são mesmo as moças e os rapazes.

“O que mais vou esperar?” — falava sozinho o ferreiro. — Ela zomba de mim. Para ela eu valho tanto quanto uma ferradura enferrujada. Mas, se é assim, pelo menos outra pessoa não terá a ocasião de zombar de mim. Tomara que eu seja o único a descobrir na certa de quem ela gosta mais do que de mim: aí eu me afasto...”

Uma batida na porta e um “abra!” que ecoou agudo no frio interromperam-lhe as reflexões.

— Espere, eu mesmo abro — disse o ferreiro, e saiu ao alpendre com a intenção de quebrar por despeito as costelas do primeiro que encontrasse.

* * *

O frio aumentara, e lá nas alturas esfriara tanto que o diabo pulava de uma pata a outra e soprava os punhos, pro-

curando aquecer pelo menos um pouquinho as mãos geladas. Era natural, entretanto, que o frio congelasse até aquele que passava dias e noites no inferno, onde, como se sabe, não faz tanto frio como no nosso inverno e ele, postado de touca diante duma fornalha como um verdadeiro mestre-cuca frita os pecadores com a mesma satisfação que experimentam as mulheres quando fritam salame para o Natal. A própria bruxa, apesar de bem agasalhada, sentia frio; por isso levantou os braços e abriu as pernas, colocando-se na posição de quem voa sobre patins sem mover uma única junta, e desceu céu abaixo como quem desce pela vertente de uma montanha de gelo, indo cair direto dentro de uma chaminé. O diabo fez o mesmo e saiu atrás dela. Mas como esse bicho é mais ágil que qualquer dândi de meias, não era de admirar que em plena boca da chaminé despencasse no seu colo sua amante, caindo os dois entre as panelas, dentro de forno largo. A viajante abriu levemente a tampa do forno a fim de examinar se Vakula, seu filho, tinha trazido algum convidado para casa; mas ao ver que não havia ninguém, apenas alguns sacos no meio da sala, saiu do forno, tirou o quente *tulup* e ajeitou-se, e ninguém poderia dizer que um minuto antes ela estivera voando numa vassoura.

A mãe do ferreiro Vakula não tinha mais de quarenta anos. Não era bonita nem feia. Aliás, é difícil ser bonita nessa idade. No entanto, era tão ardilosa em deixar encantados até mesmo os cossacos da estepe (que, aliás, não custa observar de passagem, pouco ligam para a beleza) que recebia visitas do alcaide, do sacristão Óssip Nikíforovitch (certamente quando a mulher dele não estava em casa), do cossaco Korní Tchub e do cossaco Kassian Svierbiguz. E, honra lhe seja feita, sabia tratá-los com habilidade. A nenhum deles passava pela cabeça a ideia de ter um rival. Se um devoto mujique, ou um nobre, como os cossacos costumam se declarar, ia com mau tempo à igreja no domingo ou à taberna e passava enfiado em seu encapuzado casaco de pano, como iria deixar de

fazer uma visitinha a Solokha, comer gordurosos pasteizinhos com creme de leite e bater um papo com aquela mulher falante e solícita na isbá aquecida? E para tanto o nobre dava de propósito uma longa volta antes de chegar à taberna e chamava isso de aproveitar a passagem para fazer uma visitinha. E quando acontecia de Solokha ir à igreja nos dias de festa, vestindo saiote de lã xadrez clara sob uma saia azul com passamanes dourados e um aventalzinho de lã por cima e se postava bem perto da ala direita, o sacristão ia logo pigarreando e apertando involuntariamente os olhos naquela direção; o alcaide alisava o bigode, torcia sobre a orelha uma mecha de cabelo e dizia a quem estivesse a seu lado: “Eh, bondade de mulher! O diabo em figura de mulher!”. Solokha reverenciava a todos, e cada um pensava que ela só reverenciava a si mesmo. Mas quem gostasse de se meter em assuntos alheios percebia logo que Solokha era mais amável com o cossaco Tchub que com os outros. Tchub era viúvo; à frente de sua casa sempre havia oito medas de trigo. Duas parelhas de bois agigantados botavam a cabeça para fora da cerca entrançada do telheiro e mugiam todas as vezes em que viam se aproximando a comadre, uma vaca, um homem, ou um touro gordo. Um bode barbudo subia em pleno telhado e bodejava lá de cima com voz aguda como a do alcaide, arremedando os perus que apareciam no quintal, e dava as costas quando divisava os seus inimigos, os garotos que zombavam da sua barba. Tchub guardava no fundo do baú muitos cortes de tecido, *jupans*¹⁵ e *kuntuches*¹⁶ antigo com galões dourados: sua falecida esposa fora mulher luxenta. Em sua horta, além de papoula, repolho e girassóis, ainda se plantavam todos os

anos dois partidos de fumo. Solokha não achava nada mau juntar tudo isso aos seus bens, matutava por antecipação como isso ficaria quando passasse para as suas mãos, e duplicou sua benevolência com o velho Tchub. E para evitar que seu filho Vakula desse um jeito de conquistar a filha de Tchub e se apoderar de tudo, pois certamente o rapaz não iria permitir que ela metesse o bedelho em nada, apelou para o recurso habitual de todas as comadres quarentonas: fazer Tchub e o ferreiro brigarem com a maior frequência possível. Talvez fosse por causa dessas artimanhas e astúcias que as velhas já andavam dizendo por aí, sobretudo quando bebiam demais nas rodas alegres, que Solokha era mesmo uma bruxa; diziam que o jovem Kiziakolupenko tinha visto nela um rabo do tamanho de um fuso de fiar; de que duas semanas antes, na quinta-feira, ela havia cruzado o caminho de alguém na forma de gato preto; que certa vez um porco correrá até a casa da mulher do pope, cantara como galo, metera na cabeça o chapéu de pele do padre Kondrat e saíra correndo. Certa vez, quando as velhas contavam essas histórias, chegou o pastorador Timich Korostiavi. Este não perdeu a oportunidade de contar como certa vez, no verão, em plena noite de São Pedro, quando se deitava para dormir no estábulo, fazendo um travesseiro de um montículo de palha, vira com seus próprios olhos como uma bruxa com as tranças soltas, só de camisola, começara a ordenhar as vacas sem que ele pudesse nem se mexer de tão enfeitado que estava; depois de ordenhar as vacas, a bruxa fora até ele e besuntara-lhe os lábios com uma coisa tão nojenta que depois ele passara o dia todo cuspiendo. Mas tudo isso tinha algo de suspeito, porque só o assessor de Sorótchintsi podia ver uma bruxa. E por isso todos os cossacos notáveis abanavam a mão ao ouvir essas histórias e sempre diziam: “Mentira dessas cadelas!”.

Depois de sair do forno e pôr-se em ordem, Solokha, como boa dona de casa, começou a arrumar as coisas e colocá-las todas em seus devidos lugares; mas não tocou nos

sacos: Vakula os trouxe, então que ele mesmo os leve daqui! O diabo, quando ainda entrava na chaminé, virara-se involuntariamente e avistara Tchub e o compadre juntos, já longe da isbá. Num piscar de olhos voou da chaminé, cortou-lhes o caminho e começou a remover de todos os lados montes de neve congelada. Levantou-se uma tempestade de neve. O espaço começou a branquejar. A neve assolava para frente e para trás, e os enredava, ameaçando tapar os olhos, a boca e os ouvidos dos transeuntes. Enquanto isso, o diabo tornou a voar para a chaminé, com a firme convicção de que Tchub voltaria com o compadre, encontraria o ferreiro e lhe daria tal acolhida que ele ficaria muito tempo sem condições de segurar um pincel e pintar caricaturas ofensivas.

* * *

De fato, mal começou a nevasca, e o vento passou a açoiatar em cheio seus olhos, Tchub foi logo se declarando arrependido e, afundando mais o gorro de pele na cabeça, distribuiu blasfêmias para si, o diabo e o compadre. Aliás, essa irritação foi simulada. Tchub estava muito satisfeito com a nevasca que acabava de começar. Até a casa do sacristão ainda restava uma distância oito vezes maior do que a que eles haviam percorrido. Os viajantes deram meia-volta. O vento açoitava a nuca: mas em meio à neve revolta não se enxergava nada.

— Espere, compadre! Parece que não estamos no caminho certo — disse Tchub, afastando-se um pouco —, não estou vendo nenhuma casa. Puxa, que nevasca! Compadre, dê uma guinadinha para ver se encontra o caminho daquele lado; enquanto isso eu vou procurando por aqui. Eh, só sendo coisa do espírito mau fazer a gente sair vagando numa nevasca como essa! Não se esqueça de gritar quando encontrar o caminho. Arre, que monte de neve o satanás me atirou nos olhos!

Enquanto isso, não se divisava o caminho. Afastando-se para um lado, o compadre perambulava para frente e para

trás, metido em suas longas botas, e acabou dando direto na taberna. Esse achado o alegrou tanto que ele esqueceu tudo e, depois de sacudir a neve de cima do corpo, entrou no vestíbulo sem se preocupar minimamente com o compadre, que ficara na rua. Entrementes, Tchub teve a impressão de ter encontrado o caminho; parou, pôs-se a gritar a plenos pulmões, mas vendo que o compadre não aparecia, resolveu caminhar sozinho. Depois de breve caminhada, viu a sua casa. Montões de neve lhe apareciam ao lado e no telhado.

Com as mãos congeladas de frio, pôs-se a bater à porta e a gritar imperioso para a sua filha vir abrir.

— O que é que você quer aqui? — gritou severo o ferreiro, saindo.

Reconhecendo a voz do ferreiro, Tchub deu alguns passos para trás. “Ah, não, essa não é a minha casa — disse para si —, na minha casa o ferreiro não se mete. Eh, reexaminando bem, essa também não é a casa do ferreiro. De quem então será ela? Ah! Já sei! Não tinha reconhecido! É a casa do coxo Lievtchenko, que se casou recentemente com uma mulher jovem. A casa dele é a única que se parece com a minha. Por isso, inicialmente achei meio esquisito chegar tão rapidamente em casa. Mas neste momento Lievtchenko está na casa do sacristão, disso não tenho dúvida: então, o que é que o ferreiro?... Ah, ora veja! então ele anda visitando a jovem mulher de Lievtchenko. Então é isso! Ótimo!... agora entendi tudo!”

— Quem está aí e por que anda fuçando ao pé das janelas alheias? — disse o ferreiro em tom mais severo que antes e chegando-se mais perto.

“Não, não vou dizer a ele quem sou — pensou Tchub —, esse degenerado maldito ainda pode me espancar!” E, mudando a voz, respondeu: “Sou eu, homem de bem! e vim aqui para distraí-lo com um pouquinho de *koliada* ao pé da janela!”

— Vá pro inferno com as suas *koliadas*! — gritou raivoso Vakula. — O que ainda está fazendo aí em pé? Está ouvindo, vá dando o fora agora mesmo!

O próprio Tchub já estava com essa prudente intenção, mas achou que era uma ofensa ter de obedecer às ordens do ferreiro. Parecia que algum espírito mau o empurrava pelo cotovelo e o forçava a dizer alguma coisa para contrariar.

— Por que é mesmo que grita tanto? — disse ele com a mesma voz. — Quero cantar *koliadas* e chega.

— Ah, ah! quer dizer que palavras não bastam para acalmá-lo! — Em seguida Tchub sentiu um golpe muito dolorido no ombro.

— Bem, pelo que vejo é você que já está começando a brigar! — disse ele, recuando um pouco.

— Fora, fora! — gritava o ferreiro, condecorando Tchub com outro empurrão.

— O que está fazendo?! — disse Tchub com uma voz em que havia dor, mágoa e timidez. — Pelo que vejo você está brigando de verdade e ainda bate para doer!

— Vamos dando o fora, vamos! — gritou o ferreiro e bateu a porta.

— Vejam só que valentão! — dizia Tchub, depois de ficar só na rua. — Tente só se aproximar!... que coisa, hein! imaginem que figurão! pensa que não posso castigá-lo? Não, meu caro, vou agora mesmo ao comissário. Você vai se haver comigo. Não vou considerar o fato de você ser ferreiro e pintor. Eh, mas preciso dar uma olhada nas costas e nos ombros: acho que estou com manchas azuladas. Devo estar mesmo, o filho do diabo bateu para doer! É uma pena que esteja frio e eu não possa tirar o *tulup*! Espere, ferreiro endiabrado, que o diabo leve a você e sua forja, você vai me pagar! patife maldito! Ah, mas neste momento ele não está em casa. Acho que Solokha está só. Hum... e não fica longe; seria o caso de ir até lá! Essa é uma hora em que ninguém vai nos pegar de surpresa. Talvez a gente possa até fazer aquilo... puxa, como está doendo a pancada do maldito ferreiro!

Então Tchub coçou as costas e tomou outra direção. A satisfação que o aguardava no encontro com Solokha ate-

nuava um pouco a dor e o tornava insensível ao próprio frio, cuja crepitação por todas as ruas o assobio da nevasca não conseguia abafar. Uma expressão meio suave se esboçava de quando em quando no rosto de Tchub, cuja barba e bigode o vento besuntara de neve melhor que qualquer barbeiro que torce tiranicamente o nariz de sua vítima. Mas se mesmo assim a neve não turvasse tudo diante dos olhos, por muito tempo ainda daria para ver Tchub parando, coçando as costas, dizendo: “Bateu pra doer o maldito ferreiro!”, e tornando a pegar o caminho.

* * *

Enquanto o ágil dândi de rabo e barba de bode voava para fora e para dentro da chaminé, a bolsinha que ele levava de um lado, e na qual havia escondido a Lua roubada, ficou presa no forno não se sabe como, dissolveu-se, e a Lua aproveitou a oportunidade para subir pela chaminé da casa de Solokha e ganhar suavemente as alturas. Tudo ficou claro. Foi como se não tivesse havido nevasca. A neve resplandeceu em forma de um vasto campo prateado e desfez-se toda em estrelas cristalinas. O frio pareceu amornar. Surgiram grupos de rapazes e moças munidos de sacos. Ecoaram as canções, e rara era a casa diante da qual não havia grupos cantando *koliadas*. O luar estava um encanto! É difícil dizer como é bom brincar de empurra-empurra em noites como essa, no meio de moças que cantam e gargalham e entre a rapaziada disposta a todos os tipos de brincadeira e invenções, que só podem ser inspiradas por uma noite que sorri alegremente. A gente se sente aquecida debaixo de uma grossa peliça; o frio faz as faces arderem com mais intensidade; e os mais ardilosos empurram os outros para a roda da brincadeira.

Grupos de moças irromperam com seus sacos na casa de Tchub, rodeando Osana. Os gritos, gargalhadas e histórias ensurdeceram o ferreiro. Cada uma procurava ser a primeira a contar apressadamente alguma novidade à bela Osana,

e todas descarregaram os seus sacos e se gabaram dos pães, salames, pasteizinhos que até então haviam conseguido ganhar em quantidade bem razoável com as *koliadas*; Osana parecia mergulhada em plena satisfação e alegria, falava pelos cotovelos ora disso, ora daquilo e dava gargalhadas sem fim. Era com certa amargura e despeito que o ferreiro observava essa alegria, e desta vez amaldiçoava a *koliada*, embora pessoalmente tivesse loucura pelo folguedo.

— Ah, Odarka! — disse a alegre beldade, voltando-se para uma das moças. — Você de botinhas novas! Ah, que gracinha! Têm até enfeites de ouro! Você é que é feliz, Odarka, tem quem lhe compre tudo; só eu não tenho quem me compre botinhas tão lindas.

— Não se aflija, minha querida Osana! — interpôs o ferreiro. — Vou lhe conseguir umas botinhas daquelas que só raras senhoritas usam.

— Você? — disse Osana, lançando-lhe um olhar breve e altivo. — Quero ver onde vai arranjar botinhas que eu possa calçar. Só se trazer as mesmas que a czarina usa.

— Vejam só o que ela está querendo! — gritou entre risos o moçame.

— Bem! — continuou a altiva beldade —, que vocês todas sejam testemunhas, se o ferreiro Vakula me trazer as mesmas botinhas que a czarina usa, dou minha palavra que me casarei com ele no mesmo instante.

As moças saíram, levando consigo a bela Osana.

“Vão rindo... vão rindo!...” — dizia o ferreiro, saindo atrás delas. — Eu mesmo rio de mim! Penso, penso e não consigo atinar onde estou com a cabeça. Ela não gosta de mim, que fique com Deus! como se no mundo inteiro só existisse Osana! Graças a Deus existem muitas boas moças além dela. Aliás, qual Osana qual nada! ela nunca vai dar uma boa dona de casa; a única coisa que sabe fazer é embonecar-se. Não, chega, já é tempo de deixar de bobagens.” Mas enquanto o ferreiro se dispunha a tornar-se um homem decidido, algum

espírito mau fez passar de relance diante dos seus olhos a imagem sorridente de Osana, que dizia com ar de zombaria: “Vamos, ferreiro, consiga-me as botinhas da czarina que me casarei com você!”. Ele estava cheio de ansiedade e só pensava em Osana.

Os grupos de cantadores da *koliada*, rapazes numa turma, moças em outra, corriam de rua em rua. Mas o ferreiro seguia em frente e não via nem sentia nada naquele divertimento, do qual outrora gostara mais do que ninguém.

* * *

Enquanto isso, o diabo se desfazia a valer em mimos com Solokha: beijava-lhe a mão com aqueles trejeitos que faz o assessor quando está com a mulher do pope, levava a mão ao coração, soltava “ais” e dizia com a maior franqueza que, se ela não aceitasse satisfazer a sua paixão e, como era de praxe, compensá-lo, então ele estava disposto a tudo, jogar-se no rio e mandar a alma direto para o inferno. Solokha não era lá tão cruel e, além disso, sabia-se que ela e o diabo agiam em parceria. Ela, que gostava tanto de ver uma multidão lhe arrastando a asa e raramente ficava sem companhia, estava pensando em passar logo essa noite sozinha, já que todos os notáveis do povoado tinham sido convidados para o *kutiá* na casa do sacristão. Mas tudo saiu diferente: mal o diabo acabou de apresentar a sua pretensão, ouviram uma batida na porta e a voz do corpulento alcaide. Solokha correu para abri-la, enquanto o ágil diabo enfiava-se num saco que estava no chão. O alcaide, depois de sacudir a neve do seu *kapeliukh*¹⁷ e beber uma taça de vodca das mãos de Solokha, contou que não tinha ido à casa do sacristão porque havia começado uma nevasca, mas ao ver que ela estava com a luz acesa tomara o caminho da sua casa com a intenção de passarem a noite juntos. Nem bem o alcaide pronunciou essas palavras ouviram

uma batida na porta e a voz do sacristão. “Esconda-me em algum canto — cochichou o alcaide. — Não quero encontrar o sacristão agora.” Solokha pensou demoradamente onde esconder um hóspede tão corpulento; por fim escolheu o maior saco de carvão: despejou o carvão numa tina, e o massudo alcaide meteu-se no saco com bigode, cabeça, chapéu *kape-liukh* e tudo.

O sacristão entrou, lamuriando-se e esfregando as mãos, e contou que ninguém tinha ido à sua casa, que estava sinceramente alegre por ter essa oportunidade de distrair-se alguns minutos com ela e que não havia temido a nevasca. E então se acercou mais dela, pigarreou, sorriu, tocou-lhe o braço gorro e nu com seus dedos longos e falou com um ar que tanto expressava malícia como fatuidade:

— O que é isso, magnífica Solokha? — e ao dizer isso recuou um pouco.

— Como o que é isso? É o braço, Óssip Nikíforovitch! — respondeu Solokha.

— Hum! o braço! ah! ah! ah! — disse o sacristão e, sinceramente satisfeito com o seu começo, deu alguns passos pela sala.

— E isso, querida Solokha? — proferiu com o mesmo ar, chegando-se a ela, pegando-a levemente pelo pescoço e do mesmo jeito dando um passo para trás.

— Como se não estivesse vendo, Óssip Nikíforovitch! — respondeu Solokha. — É o pescoço, e no pescoço, um colar.

— Hum! um colar no pescoço! ah! ah! ah! — e tornou a caminhar pela sala, esfregando as mãos.

— E isso aqui, incomparável Solokha?... — Não se sabe o que o sacristão tocara agora com seus dedos longos; de repente ouviu-se uma batida na porta, seguida da voz do cosaco Tchub.

— Ah, meu Deus, gente estranha! — gritou amedrontado o sacristão. — O que vai acontecer se surpreenderem uma pessoa de minha classe aqui?... chegará aos ouvidos do padre

Kondrat!... — Mas os temores do sacristão eram de outra ordem: o que ele temia era que a coisa chegasse aos ouvidos de sua cara-metade, que já antes havia deitado a mão terrível em sua grossa trança, reduzindo-a a uma bem fininha. — Pelo amor de Deus, benemérita Solokha — dizia ele, tremendo da cabeça aos pés. — A vossa bondade, como diz o Evangelho de Lucas, capítulo tre... tre... Estão batendo, juro que estão batendo! Oh, esconda-me em algum canto.

Solokha despejou o carvão de outro saco na tina, e o sacristão, não muito volumoso, enfiou-se nele, acomodando-se bem no fundo, de sorte que por cima dele ainda cabia meio saco de carvão.

— Boa noite, Solokha! — disse Tchub ao entrar. — Você talvez não estivesse à minha espera, hein? não é verdade que não estava? Pode ser que eu esteja atrapalhando... — continuou Tchub, estampando no seu rosto uma expressão alegre e significativa, que de antemão dava a entender que sua cabeça tarda funcionava e se preparava para uma brincadeira mordaz e divertida. — Vai ver que você estava se divertindo com alguém!... ou quem sabe já escondeu alguém, hein? — e, maravilhado com essa sua observação, Tchub começou a rir, sentindo-se no íntimo triunfante por ser o único a gozar das boas graças de Solokha. — Bem, Solokha, agora me dê um pouco de vodca para beber. Acho que fiquei de garganta congelada por causa do maldito frio. Deus achou de mandar uma noite dessas na véspera de Natal! Como a nevasca açoitava, estava ouvindo, Solokha, como açoitava... Arre, estou com as mãos petrificadas! Não consigo desabotoar a peliça! Como a nevasca açoitava...

— Abra! — ouviu-se da rua uma voz, acompanhada por uma batida na porta.

— Alguém está batendo? — perguntou Tchub, pondo-se de pé.

— Abra! — gritaram mais alto.

— É o ferreiro! — disse Tchub, apanhando o seu *kape-*

liukh. — Ouça, Solokha, me esconda onde quiser; não quero aparecer na frente desse maldito degenerado por nada nesse mundo. Tomara que nasça uma bolha do tamanho dum monte de feno debaixo dos dois olhos desse filho do diabo!

Solokha, também assustada, andava de um canto a outro da sala como uma desatinada e, por distração, fez sinal a Tchub para que se metesse no mesmo saco em que já estava o sacristão. O coitado do sacristão não ousou sequer exprimir sua dor com um pigarro ou um gemido, quando o pesado mujique sentou-se quase na sua cabeça e pôs as botas congeladas pelo frio em ambos os lados da sua frente.

O ferreiro entrou sem dizer uma palavra, sem tirar o chapéu de pele, e quase desabou em cima de um banco. Viase que estava de péssimo humor. No mesmo instante em que Solokha fechava a porta após a entrada dele, mais alguém bateu. Era o cossaco Svierbiguz. Este já não poderia esconder num saco, porque era impossível encontrar um saco tão grande. Era mais corpulento que o próprio alcaide e mais alto que o compadre de Tchub. Por isso, Solokha o levou para a horta, a fim de ouvir tudo o que ele tinha a lhe dizer. O ferreiro observava distraído os cantos de sua casa, escutando de quando em quando as *koliadas* que ecoavam ao longe; por fim, deteve o olhar nos sacos: “O que é que esses sacos estão fazendo aqui? Já deviam ter sido levados para fora há muito tempo. Esse amor bobo me deixou completamente atordoado. Amanhã é dia de festa e até agora a casa está cheia de tudo quanto é porcaria. É o caso de levá-los para a forja!”. E o ferreiro sentou-se junto aos enormes sacos, amarrou-os com bastante força e preparou-se para atirá-los nos ombros. Mas se notava que estava com o pensamento sabe Deus onde, pois, do contrário, teria ouvido Tchub resmungar quando teve os cabelos torcidos pela corda com que ele amarrara o saco e os soluços bastante claros que o gordo alcaide chegou a esboçar. “Será que não vou conseguir tirar da cabeça essa droga de Osana? — dizia o ferreiro. — Não quero pensar ne-

la; mas não paro de pensar e, como se fosse de propósito, só penso nela. Por que será que mesmo contra a minha vontade, a lembrança se mete na minha cabeça? Que diabo, parece que os sacos estão mais pesados do que antes! Na certa puseram mais alguma coisa além de carvão. Sou um idiota! Até esqueci que agora tudo me parece mais pesado. Antes eu chegava a dobrar e desdobrar uma moeda de cobre e uma ferradura de cavalo só com uma das mãos, mas agora não consigo levantar nem um saco de carvão. Logo, até o vento vai me derrubar.” “Não! — gritou ele, calando-se e animando-se —, por acaso sou mulher? Não vou deixar ninguém rir de mim! Podem aparecer dez sacos desses, que levanto todos.” E, disposto, atirou nos ombros sacos que nem dois homens forçados conseguiriam levantar. “Vou levantar esse também — continuou ele, erguendo um saco pequeno, em cujo fundo estava o diabo encolhido. — Parece que foi nesse saco que botei minhas ferramentas.” Dito isto, saiu assobian-do a canção:

Não tenho tempo a perder com mulher.

* * *

Gritos e canções ecoavam cada vez mais ruidosos pelas ruas. A multidão, que se acotovelava, tinha aumentado com a chegada de mais gente das aldeias vizinhas. A rapaziada dava asas às suas brincadeiras e diabruras. De quando em quando ecoava entre as *koliadas* alguma canção alegre, composta ali mesmo por algum jovem cossaco. Ou de repente, no meio da multidão, alguém entoava uma canção em vez da *koliada*, e bramia:

*Salve minha gente boa!
Ponha aqui um pastelzinho
Um punhadinho de broas,
E um rolo de salaminho!*

E esse engenhoso recebia gargalhadas como prêmio. As janelinhas se abriam, e as velhas, as únicas a permanecerem nas isbás ao lado dos graves pais de família, enfiavam os braços magros pelos postigos, com as mãos cheias de salame e bolo. Os rapazes e as moças apresentavam alternadamente os seus sacos e pegavam as suas prendas. Aqui, os rapazes acorriam de todos os lados e cercavam um grupo de moças: algarra, gritos, um atirava uma bola de neve, outro rasgava um saco cheio das coisas mais variadas; ali, as moças alcançavam um rapaz, punham-lhe um calço, e ele despencava no chão com saco e tudo. Pareciam dispostos a passar a noite toda se divertindo. E, como de propósito, a noite estava esplendidamente tépida! e o luar parecia ainda mais claro com o brilho da neve. O ferreiro parou com os seus sacos. Teve a impressão de ouvir no meio do moçame a voz e a risada fininha de Osana. Estremeceram-lhe todas as veias; depois de jogar todos os sacos no chão, de tal forma que o sacristão soltou um gemido no fundo do saco com a pancada que recebeu, e o alcaide deu um soluço de rasgar a garganta, vagou com o saco pequeno às costas junto com um grupo de rapazes que seguia atrás da turma de moças, entre as quais ouviu a voz de Osana.

“Então é ela! está ali postada como uma rainha e com seus olhos negros brilhando! Um rapaz bem-apegoado lhe conta alguma coisa; na certa é algo divertido, porque ela está rindo. Mas ela sempre está rindo.” E, como que involuntariamente, sem entender mesmo de que maneira, o ferreiro abriu caminho por entre a multidão e postou-se ao lado dela.

— Ah, Vakula, você por aqui?! Olá! — disse a beldade com o mesmo sorriso que por pouco não fez o ferreiro perder a cabeça. — E então, ganhou muita coisa com a *koliada*? Puxa, que saquinho pequeno! E as botinhas que a czarina usa, conseguiu? Arranje as botinhas que me casarei com você! — e correu aos risos junto com a multidão.

O ferreiro permaneceu no mesmo lugar, como estivesse plantado. “Não, não posso; não tenho mais forças... — dis-

se finalmente. — Mas... meu Deus, por que ela é tão diaboli-
camente linda? O olhar, a voz, enfim, tudo, e como arde, co-
mo arde... Não, já não consigo me dominar! Está na hora de
acabar com isso tudo: que se dane a alma, vou me afogar no
*prólub*¹⁸ e desaparecer sem deixar rastro!” E com passos fir-
mes avançou, alcançou a multidão, emparelhou com Osana
e disse com voz firme:

— Adeus, Osana! Procure o namorado que quiser, fa-
ça quem quiser de trouxa; a mim você não verá mais neste
mundo.

A bela pareceu surpresa, quis dizer alguma coisa, mas o
ferreiro abanou a mão e saiu correndo.

— Aonde vai, Vakula? — gritaram os rapazes ao ver o
ferreiro correndo.

— Adeus, amigos! — gritou em resposta Vakula. — Se
Deus quiser, nos veremos no outro mundo; neste já não sai-
remos juntos. Adeus, não me guardem rancor! Digam ao pa-
dre Kondrat que celebre uma missa pela minha alma pecado-
ra. Por causa dos afazeres mundanos, este pecador não teve
tempo de acender velas às imagens do taumaturgo e da Vir-
gem Maria. Tudo o que houver no meu baú entreguem à igre-
ja! Adeus!

Tendo pronunciado essas palavras, o ferreiro pôs-se no-
vamente a correr com o saco nas costas. “Esse se perdeu!”,
disseram os rapazes. “É uma alma perdida! — murmurou pe-
nalizada uma velha que passava ao lado. — Vou sair contan-
do que o ferreiro se enforcou!”

* * *

Enquanto isso, Vakula parou para tomar fôlego depois
de percorrer várias ruas. “Para onde mesmo eu estou corren-
do? — pensou —, como se tudo já estivesse perdido. Vou ten-

tar mais uma coisa: vou à casa do *zaporójino*¹⁹ Patsiuk Puzáti.²⁰ Dizem que ele conhece tudo quanto é diabo e faz o que quer. Vou lá porque, seja como for, minha alma vai se perder mesmo!” Aqui o diabo, há muito tempo totalmente imóvel, pulou de alegria no fundo do saco; mas o ferreiro, pensando que ele mesmo tivesse prendido o saco com o braço e feito esse movimento, bateu no saco com seu punho volumoso e, atirando-o às costas com uma sacudidela, tomou a direção da casa de Patsiuk Puzáti.

Esse Patsiuk Puzáti tinha sido de fato um *zaporójino* no passado; mas, se ele mesmo havia abandonado a organização dos *zaporójinos* ou tinha sido expulso, era coisa que ninguém sabia. Fazia muito tempo — coisa de uns dez anos e talvez até quinze — que ele vivia em Dikanka. A princípio, vivia como um verdadeiro *zaporójino*: não movia uma palha, passava três quartos do dia dormindo, comia por seis ceifeiros e entornava de uma só vez quase um balde de vodca: aliás, tinha onde botar tudo isso, porque Patsiuk, apesar de sua baixa estatura, era muito avantajado na largura. Além disso, as bombachas que usava eram tão largas que, por mais longos que fossem os seus passos, não se notava qualquer sinal de perna e tinha-se a impressão de ver uma barrica de vinho andar pela rua. Talvez tenha sido isso o que deu motivo ao apelido de Puzáti. Mal haviam passado alguns dias depois de sua chegada ao povoado e todos já sabiam que era um curandeiro. Se alguém aparecia com alguma doença, iam logo chamando Patsiuk; e bastava Patsiuk sussurrar algumas palavras

para que a doença desaparecesse como por encanto. Se acontecia de um nobre esfomeado se engasgar com uma espinha de peixe, Patsiuk lhe dava um murro nas costas com tanta arte que a espinha tomava a devida direção sem causar o mínimo dano à nobre garganta. Nos últimos tempos, raramente era visto. A causa disto era provavelmente a preguiça ou talvez o fato de ter a cada ano mais dificuldade de passar pela porta. Então as próprias pessoas tinham de ir à sua casa, caso precisassem dele. Não foi sem timidez que o ferreiro abriu a porta e viu Patsiuk sentado à turca no chão diante de uma pequena barrica, sobre a qual havia uma bacia cheia de *galuchka*.²¹ Essa bacia fora colocada intencionalmente à altura da boca de Patsiuk. Sem mover um só dedo, ele inclinou levemente a cabeça e bebeu o caldo direto na bacia, pegando de quando em quando uma *galuchka* com os dentes. “Não — pensou consigo Vakula —, esse aí ainda é mais preguiçoso do que Tchub, que pelo menos come com a colher, enquanto esse aí não quer nem levantar a mão!” E Patsiuk estava mesmo muito ocupado com as suas *galuchkas*, pois parecia ignorar completamente a chegada do ferreiro que, mal cruzando a porta, fez-lhe uma reverência profunda.

— Patsiuk, estou aqui para te pedir um favor! — disse Vakula, fazendo nova reverência.

O gordo Patsiuk levantou a cabeça e recomeçou a sorver as *galuchkas*.

— Dizem que tu... não leves a mal... — disse o ferreiro, recobrando o ânimo —, eu não falo disso com a intenção de te causar a mínima ofensa... dizem que tu tens algum parentesco com o diabo.

Depois dessas palavras, Vakula ficou assustado, pensando que tivesse sido muito direto e atenuado pouco as palavras fortes; e, esperando que Patsiuk pegasse a barrica com bacia

e tudo e lhe atirasse bem na cabeça, afastou-se um pouco e protegeu-se com a manga do casaco para evitar que o caldo quente com as *galuchkas* lhe salpicassem a cara.

Mas Patsiuk deu uma olhada e voltou a sorver as *galuchkas*.

Animado, o ferreiro resolveu continuar:

— Vim falar contigo, Patsiuk, que Deus te dê tudo, bens em abundância, pão à vontade! — Às vezes o ferreiro sabia usar palavras da moda; isso ele aprendera aos poucos, quando estivera em Poltava pintando a amurada de madeira do chefe de esquadrão dos cossacos. — Eu, pecador que sou, vou ter de me perder mesmo! nada me ajuda neste mundo! O que tiver de acontecer acontecerá, e terei de pedir ajuda ao próprio diabo. O que é que tu achas que eu devo fazer, Patsiuk? — disse o ferreiro, vendo que ele continuava calado do mesmo jeito.

— Quando se precisa do diabo, então se procura o diabo! — respondeu Patsiuk, sem levantar a vista para ele e continuando a dar bocadas nas *galuchkas*.

— É por isso que vim te procurar — respondeu o ferreiro fazendo uma reverência —, acho que, além de ti, ninguém nesse mundo sabe o caminho que leva a ele.

Patsiuk não disse uma palavra e acabou de comer as *galuchkas*.

— Faça essa gentileza, homem bondoso, não me diga não! — investia o ferreiro. — Carne de porco, salame, farinha de trigo-sarraceno, tecido, milho ou qualquer coisa de que precisar, como normalmente se faz entre gente de bem... não regatearemos. Diga, por exemplo, ao menos como encontrar o caminho que leva a ele.

— Quem tem o diabo nas costas não precisa ir longe — disse indiferente Patsiuk, sem mudar de posição.

Vakula fixou o olhar nele como se em sua testa estivesse escrita a explicação dessas palavras. “O que estará dizendo?”, perguntava em silêncio a expressão em seu rosto; en-

quanto isso, aquela boca entreaberta se preparava para engolir sua primeira palavra como engolia uma *galuchka*. Mas Patsiuk calava. Então Vakula percebeu que no chão diante dele não havia *galuchka* nem barrica, mas duas escudelas; uma cheia de pasteizinhos e outra de creme de leite azedo. Seus olhos e pensamentos se voltaram involuntariamente para essa comida. “Quero ver como Patsiuk vai comer os pasteizinhos — dizia consigo. — Certamente não vai querer se inclinar para sorver como o fez com as *galuchkas*; e nem pode: primeiro precisa molhar os pasteizinhos no creme de leite.” Mal acabou de pensar nisso, Patsiuk abriu a boca, olhou para os pasteizinhos e abriu ainda mais a boca. Então um pastelzinho atirou-se para fora da escudela, despencou no meio do creme, virou-se de um lado para o outro, pulou para cima e foi cair exatamente em sua boca. Patsiuk comeu, tornou a abrir a boca e outro pastelzinho repetiu a mesma trajetória. Ele tinha apenas o trabalho de mastigá-los e engoli-los. “Vejam só que prodígio!”, pensou o ferreiro, abrindo a boca de tão admirado, e no mesmo instante percebeu que um pastelzinho se metia em sua boca e já lhe untava os lábios com creme de leite. Depois de afastar o pastelzinho e limpar os lábios, o ferreiro começou a pensar nas maravilhas que acontecem no mundo e a que complexidades o espírito mau leva o homem, percebendo, além do mais, que Patsiuk era o único que podia ajudá-lo. “Vou lhe fazer mais uma reverência, que explique direito... Mas que diabos! hoje é dia de *kutiá* pobre,²² e ele comendo pasteizinhos, e pasteizinhos de dias gordos! Realmente, que espécie de idiota sou eu para ficar aqui postado, me enchendo de pecado! É cair fora!” — e o devoto ferreiro saiu como um raio.

Mas o diabo, que estava no fundo do saco e já se alegrara de antemão, não podia suportar que lhe escapasse tão mag-

nífico troféu. Foi só o ferreiro botar o saco no chão, que ele pulou de dentro e escanchou-se em suas costas.

Um frio ardeu por sobre a pele do ferreiro; assustado e pálido, sem saber o que fazer, o ferreiro quis se benzer... Mas o diabo inclinou seu focinho de cachorro até o ouvido do ferreiro e disse:

— Sou eu, sou teu amigo, tudo farei para um amigo e camarada! Darei todo o dinheiro que quiseres — chiou-lhe no ouvido esquerdo. — Osana será nossa hoje mesmo — cochichou-lhe, voltando o seu focinho novamente para o ouvido direito. O ferreiro ficou parado, refletindo.

— Bem — disse finalmente ele —, a esse preço estou disposto a ser teu!

O diabo levantou os braços e começou a pular de alegria nas costas do ferreiro. “Agora o ferreiro caiu de verdade! — pensou o diabo com seus botões. — Ah, meu caro, agora você vai me pagar por todas as suas caricaturinhas e lorotas atribuídas aos diabos. O que agora hão de dizer meus camaradas quando souberem que o maior carola de todo o povoado está em minhas mãos?” Aqui o diabo gargalhou de alegria ao se lembrar de como iria zombar de toda a rabuda tribo no inferno, de como iria ficar furioso o diabo coxo, que entre eles era considerado o primeiro em matéria de imaginação.

— Bem, Vakula! — chiou o diabo, ainda escanchado nas costas dele como se temesse que ele fugisse. — Tu sabes que sem contrato, nada feito.

— Estou pronto! — disse o ferreiro. — Como ouvi dizer, entre os senhores se assina com sangue; espere que eu vou tirar um prego do bolso! — Nisso ele botou a mão para trás e zás... agarrou o diabo pelo rabo.

— Veja só que brincalhão! — gritou o diabo aos risos. — Mas basta, chega de brincadeira!

— Espera aí, meu caro! — gritou o ferreiro. — Quero ver o que achas disso! — Ao dizer isto fez uma cruz e o diabo ficou mansinho como um cordeiro. — Mas espere — dis-

se o ferreiro segurando-o pelo rabo e levando-o ao chão —, vou te ensinar a instigar cristãos bons e honrados ao pecado.

E, sem largar o rabo, o ferreiro escanchou-se no lombo do diabo e levantou o braço para fazer o sinal da cruz.

— Tenha dó, Vakula! — gemeu lastimando o diabo — farei tudo o que te for necessário, só peço que me deixes em paz: não me ponhas a terrível cruz!

— Ah, foste logo mudando de tom, alemão maldito! Agora eu sei o que fazer. Leva-me nesse instante em tuas costas! Estás ouvindo, leva-me como um pássaro!

— Para onde? — perguntou o triste diabo.

— A Petersburgo, direto à presença da czarina! — e o ferreiro pasmou de pavor ao sentir-se subindo ao espaço.

* * *

Osana ficou muito tempo postada, refletindo sobre as terríveis palavras do ferreiro. Em seu íntimo, algo já lhe dizia que fora excessivamente cruel com ele. “E se ele resolver mesmo fazer alguma coisa terrível? Pode ser que ele, amargurado, ache de se apaixonar por outra e por despeito passe a chamá-la a mulher mais bela do povoado. Mas não, é a mim que ele ama. Eu sou tão bonita! Ele não vai me trocar por nada neste mundo; ele está brincando, fingindo. Em menos de dez minutos ele voltará com certeza, a fim de olhar para mim. Eu sou mesmo severa. Preciso deixar, como que sem querer, que ele me beije. Aí ele vai ficar contente!”, e a fútil beldade já gracejava com as suas amigas.

— Esperem — disse uma delas —, o ferreiro esqueceu os seus sacos; olhem que sacos enormes! Ele fez uma *koliada* diferente da nossa: acho que jogaram aqui dentro um quarto inteiro de carneiro; e salame e pão sem conta. Um luxo! Dá para passar festas inteiras comendo.

— Esses sacos são do ferreiro? — intercalou Osana. — Vamos levá-los o mais rápido lá pra casa e olhar direitinho o que ele botou aqui dentro.

Todos aprovaram aos risos essa sugestão.

— Mas nós não vamos conseguir levantá-los! — gritou todo o moçame ao redor, esforçando-se por mover os sacos.

— Esperem — disse Osana —, vamos correndo apanhar os trenós para levá-los!

E o moçame correu para pegar os trenós.

Os prisioneiros estavam fortemente aborrecidos dentro daqueles sacos, apesar de o sacristão ter aberto com o dedo um buraco razoável para si. Se ainda não houvesse ninguém por ali, ele talvez encontrasse um meio de sair; mas sair do saco diante de todos, expor-se ao ridículo... Isso o continha, e ele resolveu aguardar, apenas gemendo levemente sob as descortesias botas de Tchub. O próprio Tchub não desejava menos a liberdade, sentindo que debaixo de si havia algo em que era terrivelmente incômodo sentar-se. Mas, tão logo ouviu a decisão de sua filha, acalmou-se e perdeu a vontade de sair, refletindo que precisaria caminhar pelo menos uns cem e talvez duzentos passos dali até sua casa. Se fosse sair, teria de se ajeitar, abotoar o *tulup*, apertar o cinturão — quanto trabalho! E além disso tinha deixado o *kapeliukh* na casa de Solokha. O melhor mesmo era deixar que as moças o levassem de trenó. Porém, a coisa foi bem diferente do que esperava Tchub; no momento em que as moças corriam em busca dos trenós, o magro compadre saía da taberna transtornado e de mau humor. Não houvera meio de a taberneira lhe vender fiado; ele quis esperar para ver se algum nobre aparecia por acaso e lhe pagava uma bebida, mas, como de propósito, todos os nobres haviam ficado em casa e, como cristãos honrados, comiam o *kutiá* no seio da família. Refletindo sobre a depravação dos costumes e o coração de pedra da judia vendedora de vinho, o compadre deu com os sacos e parou maravilhado. “Caramba, que sacos alguém largou no caminho! — disse olhando ao redor. — Aqui deve ter até carne de porco. Esse teve mesmo sorte de ganhar tanta coisa com as *koliadas*! Que sacos terríveis! É de supor que estão abarrotados de fa-

rinha de trigo e sequilhos e outras coisas! Mesmo que tenham só broas com semente de papoula, a judia dá uma oitava de vodca por broa.²³ O negócio é ir logo passando a mão antes que alguém veja.” E tentou jogar nas costas o saco com Tchub e o sacristão, mas sentiu que era pesado demais.

“Não, é muito peso para um homem só”, disse ele. “Ah, mas como de propósito está vindo o tecelão Chapuvalenko.”

— Boa noite, Ostap.

— Boa noite — respondeu o tecelão, parando.

— Para onde vai?

— Andando por aí. Para onde as pernas levam.

— Ajude a levar esses sacos, meu amigo! Alguém os ganhou com a *koliada*, mas os largou no meio do caminho. Dividiremos pela metade o que houver dentro.

— Sacos? O que é que tem neles: panqueca amanteigada ou broas?

— Bem, acho que tem de tudo.

Então tiraram apressadamente paus de uma cerca, puseram um saco sobre os mesmos e saíram com ele nos ombros.

— Para onde vamos levá-lo? Para a taberna? — perguntou pelo caminho o tecelão.

— Eu também estava pensando nisso: levar para a taberna, mas acontece que a maldita da judia não vai acreditar, ainda vai pensar que o roubamos de algum lugar; além disso, acabo de sair de lá. Vamos levá-lo para a minha casa. Ninguém vai nos atrapalhar; a mulher não está em casa.

— Será que não está mesmo? — perguntou o cuidadoso tecelão.

— Graças a Deus ainda não estamos loucos de todo — disse o compadre —, o diabo é quem me carregaria para onde ela estiver. Acho que ela vai vagar até o amanhecer junto com o mulherio.

— Quem vem lá? — gritou a mulher do compadre, ao ouvir ruído no vestíbulo, provocado pela chegada dos dois amigos com o saco, e abrindo a porta.

O compadre pasmou.

— Veja só que coisa! — falou o tecelão, perdendo o ânimo.

A mulher do compadre era uma dessas joias raras que existem em nosso mundo. Assim como o marido, quase nunca estava em casa e passava quase o dia inteiro enfiada nas casas das comadres e das velhas bem situadas, fazendo elogios, comendo com grande apetite, e brigava só de manhã com o marido porque era só nessa hora que às vezes o via. A casa deles era duas vezes mais velha que a bombacha do escrivão distrital, e o telhado estava sem palha em alguns lugares. Da cerca, só se via uns restos, porque ninguém, ao sair de casa, levava um pau para dar nos cachorros, contando com arranjar um da cerca ao passar ao lado da horta do compadre. Fazia uns três dias que o forno não via lenha. Tudo o que a carinhosa esposa conseguia com a gente bondosa escondia para o mais longe possível do marido e amiúde lhe tomava arbitrariamente o que ele arranjava, caso ele não conseguisse gastar na taberna. O compadre, apesar do seu eterno sangue-frio, não gostava de ceder diante dela, motivo pelo qual quase sempre saía de casa com equimoses debaixo dos olhos, enquanto a cara-metade saía pelas casas das velhas gemendo, contando às mesmas as arbitrariedades do seu marido e as sovas que levava dele.

Agora podemos imaginar como o compadre e o tecelão estavam preocupados com tão inesperada aparição. Puseram o saco no chão, montaram guarda diante dele e o cobriram com tábuas; mas já era tarde: a mulher do compadre, apesar de enxergar mal com seus olhos de velha, acabou percebendo o saco.

— Ah, que bom! — disse ela com uma expressão em que se percebia a alegria de um abutre. — Que bom que vocês ganharam tanta coisa com a *koliada*! É assim que pessoas de

bem sempre fazem; só que não, eu acho que vocês o afanaram em algum lugar. Mostrem-me agora mesmo o saco, escutem, mostrem agora mesmo esse saco!

— Um diabo careca pode lhe mostrar, não nós — disse imponente o compadre.

— O que é que você tem a ver com isso? — disse o tecelão. — Fomos nós que o ganhamos e não você.

— Ah, não, você vai me mostrar, beberrão safado! — gritou a mulher, dando um soco no queixo do alto compadre e investindo na direção do saco.

Mas o tecelão e o compadre defenderam valentemente o saco e obrigaram a mulher a recuar. Mal conseguiram se recompor, a mulher já irrompia no saguão com um atizador. Acertou agilmente umas pancadas nos braços do marido e nas costas do tecelão, e já se postara ao lado do saco.

— Por que a deixamos passar? — perguntou o tecelão, recompondo-se.

— É, por que deixamos?! Por que você deixou?! — disse calmamente o compadre.

— Seu atizador pelo visto é de ferro! — disse o tecelão depois de um breve silêncio, coçando as costas. — No ano passado, minha mulher comprou um na feira; o dela não é mau... não dói.

Enquanto isso a triunfante esposa, de candeia no chão, desamarrava o saco e olhava para dentro dele.

Mas a verdade é que o seu olhar velho, que tão bem enxergara o saco, desta vez cometeu um engano.

— Ora, aqui tem... um javali inteiro! — gritou ela, esfregando as mãos de contentamento.

— Um javali! está ouvindo, um javali inteiro! — o tecelão cutucava o compadre — a culpa é toda sua!

— O que se há de fazer! — disse o compadre dando de ombros.

— Como o quê? Por que estamos aqui em pé? Vamos tomar o saco! vamos lá!

— Sai daí! Sai! esse javali é nosso! — gritou o tecelão, investindo.

— Sai, sai, mulher do diabo! essa prenda não é tua! — disse o compadre, aproximando-se.

A mulher do compadre tornou a agarrar o atizador, mas nesse momento, Tchub saiu do saco e postou-se no meio do saguão, espreguiçando-se como quem acaba de despertar de um longo sono.

A mulher do compadre deu um grito, bateu com as mãos no chão, e todos ficaram involuntariamente de boca aberta.

— E essa idiota dizendo que era um javali! Isso não é um javali! — disse o compadre, arregalando os olhos.

— Vejam só que homem meteram dentro do saco! — disse o tecelão, recuando assustado. — Podem dizer o que quiserem, podem se arrebentar, mas isso não se passou sem o dedo do espírito mau. Ele não passa nem por uma janela!

— É o compadre! — gritou, olhando para ele, o compadre.

— E quem você pensava que era? — disse Tchub, sorrindo maliciosamente. — Viram que peça eu preguei em vocês? Mas na certa vocês queriam me comer no lugar do javali. Esperem um momento, vou deixá-los alegres: no saco ainda tem alguma coisa, se não for um javali, certamente é um leitão ou outro bicho qualquer. Havia alguma coisa se mexendo sem parar debaixo de mim.

O tecelão e o compadre correram para o saco; a dona da casa se meteu pelo lado oposto, e a briga recomeçaria se o sacristão, vendo agora que não tinha onde se esconder, não tivesse se arrastado para fora do saco.

Pasmada, a mulher do compadre largou a perna pela qual começara a puxar o sacristão para fora do saco.

— Ih, mais um! — exclamou amedrontado o tecelão. — O diabo sabe como anda o mundo... a gente até fica de cabeça tonta... em vez de salame e pão, estão jogando gente dentro dos sacos!

— É o sacristão! — disse Tchub, mais admirado que os outros. — Imaginem só! Ai, Solokha! Metendo no saco... Por isso eu notei que a casa dela estava cheia de sacos... Agora eu sei de tudo: cada saco tinha duas pessoas dentro. E eu pensando que era só para mim que ela... Arre, Solokha!

* * *

As moças ficaram um pouco surpresas quando deram por falta de um saco. “Nada se pode fazer, esse já nos basta”, balbuciou Osana. Todas agarraram o outro saco e o atiraram em cima do trenó. O alcaide resolveu ficar calado, refletindo: se gritasse para que o deixassem sair e desamarrassem o saco, as tolas mocinhas iam debandar, iam pensar que era o diabo que estava dentro do saco e ele ficaria na rua, talvez até o dia seguinte. Enquanto isso, as moças se deram as mãos em boa harmonia e saíram como um raio, puxando o trenó pela neve rangente. Muitas se sentaram por brincadeira no trenó; outras treparam em cima do próprio alcaide. O alcaide resolveu suportar tudo. Finalmente chegaram, abriram uma por uma as portas do saguão da casa e às gargalhadas arrastaram o saco para dentro. “Vamos ver o que tem aqui dentro”, gritaram todas, e se precipitaram a desamarrá-lo. Aqui os soluços, que não cessaram de atormentar o alcaide durante todo o tempo em que estivera no saco, aumentaram tanto que ele começou a se rasgar de tossir e soluçar.

— Ih, tem alguém aqui dentro! — gritaram todas, e assustadas correram para fora da casa.

— Que diabo é isso! Pra onde vocês estão correndo feito desatinadas? — perguntou Tchub, entrando.

— Ah, meu pai! — falou Osana. — Tem alguém dentro do saco!

— Dentro do saco? Onde vocês acharam esse saco?

— O ferreiro o largou no meio do caminho — disseram todas de repente.

“Então, bem, eu não disse...”, pensou Tchub com seus botões.

— De que vocês estão com medo? Vamos ver: vamos lá, homem, peço que não se zangue por não o tratarmos pelo nome e o patronímico, mas saia do saco!

O alcaide saiu.

— Oh! — exclamaram as moças.

“Até o alcaide se meteu lá — disse consigo Tchub, perplexo, medindo-o da cabeça aos pés. — Sim senhor!... Eh, eh!...”, nada mais pôde dizer.

O próprio alcaide não estava menos desconcertado, nem sabia como abrir a boca.

— Lá fora deve estar frio! — disse dirigindo-se a Tchub.

— É, está fazendo um friozinho — respondeu Tchub. — Agora me permita perguntar o que você passa nas botas, banha de porco ou alcatrão?

Não era isso que ele queria perguntar, e sim: “Como você, alcaide, se meteu naquele saco?”, mas ele mesmo não entendia como tinha dito uma coisa tão diferente.

— Alcatrão é melhor! — respondeu o alcaide. — Bem, Tchub, até logo! — e saiu, metendo o *kapeliukh* na cabeça.

— A título de quê fiz a besteira de perguntar o que ele passa nas botas! — disse Tchub olhando para a porta por onde saíra o alcaide. — Ah, Solokha danada! Meter um homem como esse no saco... arre, mulher do diabo! e eu, imbecil... ah, mas onde está aquele saco maldito?

— Joguei num canto, não tem mais nada dentro — disse Osana.

— Conheço essas brincadeiras, não tem nada! Traga-o aqui: lá ainda tem um! Dê uma boa sacudida nele... o quê? não tem?... Arre, que mulher maldita! A gente olha pra ela: parece uma santa, como se nunca tivesse quebrado a abstinência.

Mas deixemos Tchub desafogando o seu despeito na ociosidade e voltemos ao ferreiro, porque lá fora certamente já passa das oito.

* * *

A princípio, Vakula sentiu um medo dos diabos quando atingiu uma altura de onde não enxergava mais nada lá embaixo, e passou como uma mosca tão perto da Lua que se não tivesse se inclinado um pouco, seu chapéu de pele teria ficado preso nela. Mas logo depois se animou e começou a brincar com o diabo. Divertia-se por demais vendo o diabo espirrar e tossir quando ele tirava do pescoço a cruz de cipreste e encostava nele. Levantava propositalmente a mão para coçar a cabeça, e o diabo, pensando que ele ia benzê-lo, voava ainda mais rápido. Nas alturas a claridade envolvia tudo. Na névoa leve e prateada o ar era transparente. Tudo estava à vista; puderam ver até um feiticeiro que passava como um furacão ao lado deles sentado num jarro; estrelas formando grupinhos e brincando de cabra-cega; um enxame de almas turbilhonando ao lado como uma nuvem; um diabo dançando ao luar e tirando o chapéu de pele ao ver o ferreiro passar montado e galopando; uma vassoura fazendo o caminho de volta, pelo visto depois de levar uma bruxa ao devido destino... e muitos outros trastes. Todas essas coisas, ao verem o ferreiro, paravam um instante, olhavam para ele e retomavam seu caminho, seguindo viagem; o ferreiro continuava voando e, de repente, brilhou diante dos seus olhos Petersburgo toda iluminada. (Por algum motivo, a cidade estava iluminada naquela ocasião.) O diabo, depois de atravessar voando uma cancela, transformou-se em cavalo e o ferreiro se viu montado num corcel fioso no meio da rua. Meu Deus! Tropel, estrondo, esplendor; por ambos os lados se amontoavam prédios de quatro andares; o tropel dos cavalos e o som das rodas das carruagens ecoavam como um trovão e repercutiam de todos os lados; os prédios cresciam e pareciam brotar do solo a cada passo; as pontes tremiam; carruagens voavam; cocheiros gritavam; a neve assobiava sob milhares de trenós que voavam de todos os lados; os pedestres se en-

colhiam e se cosiam às paredes dos prédios alumiados pelas luminárias, suas enormes sombras tremiam pelas paredes e suas cabeças atingiam a chaminé e o telhado. O ferreiro olhava maravilhado para todos os lados. Parecia-lhe que todos os prédios fixavam nele seus inúmeros olhos de fogo. Deus! viu tanta gente de casaco de pele forrada que não sabia nem a quem tirar o chapéu. “Meu Deus, quanta gente nobre tem aqui! — pensou o ferreiro. — Acho que todo mundo que passa de casaco de pele pela rua é assessor, assessor! e os que passeiam nessas caleches maravilhosas, cheias de vidro, quando não são governadores da cidade, na certa são comissários e talvez mais ainda.” Suas palavras foram interrompidas pela pergunta do diabo: “Vamos direto à czarina?”. “Não, dá medo — pensou o ferreiro. — Por aqui, não sei onde, pararam os *zaporójinos* que passaram por Dikanka no outono. Vinham da *Sietch* com um papel para a czarina; seria bom pedir a opinião deles. Ei, sataná, enfia-te em meu bolso e me leva aos *zaporójinos*!” Num minuto o diabo emagreceu e encolheu tanto que entrou sem dificuldade no bolso do ferreiro. E mal Vakula olhou para trás, achou-se diante de uma casa grande, subiu sem saber como uma escada, abriu a porta e recuou um pouco diante do esplendor que vinha da sala arumada, mas ganhou um pouco de ânimo ao reconhecer os mesmos *zaporójinos* que haviam passado por Dikanka e estavam ali sentados em sofás de seda, de botas alcatroadas e fumando o tabaco mais forte, chamado de raizinha.

— Boa noite, senhores! Deus os proteja! Vejam só onde nos encontramos! — disse o ferreiro, chegando-se a eles e inclinando a cabeça até o chão.

— Quem é esse homem? — perguntou um homem, sentado bem em frente ao ferreiro, ao outro mais afastado.

— Os senhores não me reconheceram? — disse o ferreiro. — Sou eu, Vakula, o ferreiro! Quando os senhores passaram por Dikanka no outono, que Deus lhes dê saúde e muitos anos de vida, os senhores passaram nada menos que dois

dias na minha casa. E, naquele momento, eu botei um aro novo na roda dianteira da vossa carroça.

— Ah! — disse um *zaporójino* —, é aquele ferreiro que pinta bonito. Saúde, conterrâneo, para que Deus o trouxe aqui?

— Coisa à toa; deu vontade de dar uma olhada, como se diz...

— E então, conterrâneo — disse com garbo um *zaporójino*, querendo mostrar que era capaz de falar até russo. — Então, a cidade é grande?

O ferreiro também não queria fazer feio e passar por novato, e ademais, como os outros já haviam tido oportunidade de ver, ele sabia inclusive falar bem a língua.

— É uma província nobre! — respondeu com indiferença. — De fato, os prédios são enormes, há quadros importantes pendurados por toda parte. Muitos prédios estão exageradamente cobertos de inscrições em ouropel. Realmente, uma magnífica proporção!

Os *zaporójinos*, que ouviram o ferreiro se exprimindo com tanta fluência, concluíram a conversa de maneira muito proveitosa para ele.

— Depois a gente bate um papo melhor com você, conterrâneo; agora mesmo vamos falar com a czarina.

— Com a czarina! Ah, senhores, façam a gentileza de me levar junto!

— Você? — o *zaporójino* falou com a mesma expressão de um mentor quando fala ao seu pupilo de quatro anos que lhe pede para montá-lo num cavalo de verdade, num cavalo grande. — O que é que você vai fazer lá? Não, não pode. — E aqui fez no rosto uma expressão de importância. — Nós, meu caro, vamos conversar com a czarina sobre os nossos problemas.

— Ah, me levem! — insistiu o ferreiro. “Peça!”, cochiçou ao diabo, dando um soco no bolso. Mal terminou de dizer essas palavras, outro *zaporójino* disse:

— Ah, vamos levá-lo, pessoal!

— Vá lá, levemos! — disse outro.

— Ponha uma roupa como a nossa.

O ferreiro começou a vestir apressadamente um *jupan* verde e, de repente, a porta se abriu e entrou um homem com galões na túnica, dizendo que já estava na hora de partir.

O ferreiro tornou a sentir-se encantado quando saiu em disparada na enorme carruagem, ao balanço das molas, e viu a seu lado prédios de quatro andares que passavam correndo, enquanto a própria rua rangia e também parecia rolar sob os cascos dos cavalos.

“Meu Deus, que iluminação — pensava consigo o ferreiro —, nem de dia nós temos uma claridade assim.”

As carruagens pararam diante de um palácio. Os *zaporójin*os desceram, entraram nos magníficos vestibulos e começaram a subir uma escada esplendidamente iluminada.

“Que escada! — segredava consigo o ferreiro —, dá até pena pisá-la. E que adornos! Ainda há quem diga que as fábulas mentem! Mentem o diabo! Meu Deus, que corrimão! que obra! aqui só de ferro se foram uns cinquenta rublos!”

Transposta a escada, os *zaporójin*os passaram à primeira sala. O ferreiro seguia tímido atrás deles, com medo de escorregar no parquet. Passaram por três salas, e o ferreiro sempre maravilhado. Quando entraram na quarta, ele se acercou involuntariamente de um quadro pendurado na parede. Era a Virgem Imaculada com o Menino Jesus no colo. “Que quadro! Que pintura maravilhosa! — meditava ele. — Parece até que fala! que está viva! e a criança é um santo! tem os bracinhos maniatados! e sorri, coitada! E as tintas! Meu Deus, que tintas! Aqui eu acho que não foi gasto um só copeque de ocre, tudo aqui é verdete e tinta a óleo. E o azul chega até a arder! obra de valor! o fundo deve ter sido pintado de alvaia-de. No entanto, por mais admiráveis que sejam essas pinturas — continuou, chegando à porta e apalpando a fechadura —, essa maçaneta de cobre merece ainda mais admiração.

Que trabalho perfeito! Eu acho que tudo isso foram ferreiros alemães que fizeram e cobraram o preço mais alto...” Talvez o ferreiro ainda ficasse muito tempo refletindo se um criado, de galões, não lhe tivesse tocado o braço e lembrado que não se distanciasse dos demais. Os *zaporójinos* passaram por mais duas salas e pararam. Ali mandaram que esperassem. Havia na sala alguns generais em uniformes costurados com linha dourada. Os *zaporójinos* fizeram reverências para todos os lados e se juntaram a um grupo. Ao cabo de um minuto entrou, acompanhado de toda uma comitiva, um homem de estatura imponente e bastante corpulento, de uniforme de *hétman*²⁴ e botas amarelas. Tinha os cabelos revoltos, um olho meio torto, seu rosto estampava um ar de soberba majestade e todos os seus gestos revelavam o hábito de mandar. Todos os generais, que caminhavam com ar bastante sobranceiro em seus uniformes dourados, ficaram agitados e, através de reverências profundas, pareciam adivinhar alguma ordem e até os mínimos gestos indicando que no mesmo instante eles saíssem às pressas para executá-la. Mas o *hétman* não deu a mínima atenção, mal inclinou a cabeça e acercou-se dos *zaporójinos*.

Todos os *zaporójinos* inclinaram a cabeça até o chão.

— Estão todos aqui? — perguntou ele em voz arrastada e meio anasalada.

— Todos, pai! — responderam eles.

— Não vão se esquecer de falar como lhes ensinei?

— Não, pai, não vamos esquecer.

— Esse é o czar? — perguntou a um deles o ferreiro.

— Que czar, rapaz! Esse é o próprio Potiômkin — respondeu o *zaporójino*.

Ouviram-se vozes na outra sala, e o ferreiro ficou sem saber o que fazer com os olhos diante da infinidade de damas

que entravam trajando vestidos de cetim com longas caudas e cortesãos de *caftans*²⁵ costurados a ouro com tufos atrás. Ele via apenas o esplendor e nada mais. De repente, todos os *zaporójin*os se jogaram no chão e gritaram em uma só voz:

— Perdoe, mãe! Perdoe!

O ferreiro, sem ver nada, também se jogou no chão com toda a rapidez.

— Levantem-se! — ecoou sobre eles uma voz imperiosa e ao mesmo tempo agradável.

Alguns cortesãos se agitaram e cutucaram os *zaporóji*nos.

— Não nos levantaremos, mãe! Não nos levantaremos! Morreremos, mas não nos levantaremos! — gritaram os *zaporóji*nos.

Potiómkin mordeu os lábios; por fim foi até um deles e lhe segredou algo em tom imperioso. Os *zaporóji*nos se levantaram.

Nesse instante o ferreiro também ousou levantar a cabeça e viu em pé à sua frente uma mulher de baixa estatura, até um pouco cheia, empoada, de olhos azuis e também com um majestoso sorriso que sabia tão bem conquistar tudo e só podia ser de uma imperatriz.

— O príncipe prometeu me apresentar hoje ao meu povo que até agora não conheço — dizia a mulher de olhos azuis, observando curiosamente os *zaporóji*nos. — Os senhores estão sendo bem tratados aqui? — continuou ela, chegando-se mais perto.

— Sim, mãe, obrigado! A comida é boa (embora o carneiro daqui seja bem diferente do nosso de Zaporójie). Por que a gente não pode viver como quer?...

Potiómkin franziu o cenho, vendo que os *zaporóji*nos estavam dizendo uma coisa bem diferente do que ele lhes havia ensinado...

Um deles avançou, ostentando galhardia:

— Tem piedade, mãe! Por que arruínas um povo fiel? O que fizemos para provocar a tua ira? Por acaso apertamos a mão do infame tártaro? Será que pactuamos em alguma coisa com os turcos? Por acaso te traímos em algum pensamento ou ação? Por que caímos em desgraça? Antes ouvíamos dizer que mandavas construir fortalezas em toda parte para te proteger de nós; depois ouvimos dizer que querias *fazer de nós carabineiros*; agora ouvimos novos ataques. Que culpa tem o exército *zaporójino*? A de ter carregado o teu exército pelo estreito de Perekop e ajudado os teus generais a aniquilar as tropas da Crimeia?...²⁶

Potiómkin permanecia calado e limpava negligentemente com uma pequena escova os brilhantes que lhe cobriam as mãos.

— O que os senhores desejam? — perguntou solícita Catarina.

Os *zaporójinos* se entreolharam com ar significativo.

“Está na hora! A rainha está perguntando o que querem”, disse consigo o ferreiro, e de repente jogou-se no chão.

— Vossa Majestade Imperial, não ordene execução, ordene perdão. Sem querer ofender a Sua Majestade, de que são feitas as botinhas que tendes nos pés? Acho que nenhum sapateiro em país nenhum do mundo é capaz de fazer coisa semelhante. Meu Deus, o que aconteceria se a minha mulher calçasse botinhas como essas!

A imperatriz sorriu. Os cortesãos também sorriram. Potiómkin franzia o cenho e sorria ao mesmo tempo. Os *zapo-*

*rójin*os começaram a cutucar o ferreiro, imaginando se ele não teria enlouquecido.

— Levanta-te! — disse a imperatriz com carinho. — Se queres tanto botinhas como estas, não é difícil consegui-las. Tragam-lhe agora mesmo um par de minhas botinhas mais caras, daquelas com ouro! Em verdade, gosto muito dessa simplicidade! Eis aí um objeto digno da vossa pena sutil! — continuou a imperatriz, voltando o olhar para um homem de meia-idade e rosto cheio, mas um tanto pálido, que estava um pouco afastado dos demais; pelo seu *caftan* de grandes botões de madrepérola, via-se que não pertencia ao meio cortês.

— Vossa Majestade Imperial, sois demasiado benevolente. Aqui se precisa pelo menos de um La Fontaine! — respondeu o homem dos botões de madrepérola, fazendo reverência.

— Eu vos digo com toda sinceridade: até agora estou louca por vosso *O brigadeiro*. Vós ledes admiravelmente!²⁷ No entanto — continuou a imperatriz, dirigindo-se novamente aos *zaporójin*os —, ouvi dizer que na vossa *Sietch* nunca ninguém se casa.

— Como não, mãe! Tu mesma sabes que o homem não pode viver sem mulher — respondeu o mesmo *zaporójino* que conversara com o ferreiro, e o ferreiro ficou surpreso ao ouvir que esse *zaporójino*, sabendo tão bem a língua culta, falava como que de propósito com a imperatriz no dialeto mais grosseiro, chamado habitualmente dialeto de mujique.

“Gente astuta! — pensou o ferreiro. — Certamente não é à toa que age assim.”

— Não somos monges — continuou o *zaporójino* —, e os homens são pecadores. Ávidos de carne, como todos os cristãos honrados. Entre nós não são poucos os que têm esposas, só que não vivem com elas na *Sietch*. Há aqueles que têm esposas na Polônia, há aqueles que têm esposas na Ucrânia, e há os que têm esposas até na Turquia.

Nesse momento, trouxeram as botinhas para o ferreiro.

— Meu Deus, que enfeites! — gritou cheio de alegria, agarrando as botinhas. — Vossa Majestade Imperial! Quando Vossa Honra tem botinhas como essas nos pés, e desliza sobre o gelo, como não devem ser as perninhas? Acho que no mínimo de puro açúcar.

A imperatriz, que na realidade tinha as pernas as mais benfeitas e lindas, não pôde deixar de sorrir, ouvindo tal elogio da boca de um simples ferreiro, que em seu traje de *zaporójino* podia ser considerado um homem belo, apesar do rosto moreno.

Contente com uma atenção tão complacente, o ferreiro já estava com vontade de fazer toda sorte de perguntas à czarina: se era verdade que os czares comem apenas toucinho e mel e assim por diante — mas, sentindo que os *zaporójinos* o cutucavam nos flancos, resolveu calar-se; e, quando a imperatriz se dirigiu aos velhos e começou a perguntar como viviam na *Sietch*, que costumes havia entre eles, ele deu alguns passos para trás, inclinou-se sobre o bolso e disse baixinho: “Leva-me daqui o mais rápido”, e de repente se viu além da cancela.

* * *

— Morreu afogado! juro que morreu! Quero ficar pregada aqui nesse canto se ele não tiver morrido afogado! — parolava a gorda mulher do tecelão, em pé no meio da rua, numa roda de mulheres de Dikanka.

— Ora, será que sou alguma mentirosa? será que andei roubando vaca de alguém? será que botei mau olhado em

quem não acredita em mim? — gritava gesticulando uma velha de nariz violeta, metida num curto suéter cossaco. — Que eu perca a vontade de beber água se a velha Perepiértchikha não tiver visto com seus próprios olhos como o ferreiro se enforcou!

— O ferreiro se enforcou! Que coisa, hein! — disse o alcaide, saindo da casa de Tchub, parando e se acercando mais da roda de conversa.

— É melhor que digas “vontade de beber vodca”, velha beberona! — respondia a mulher do tecelão. — É preciso ser maluca como tu para se enforçar! Ele se afogou! se afogou no *prólub*. E sei tanto disso como sei que acabas de sair da taberna.

— Ah, sua sem-vergonha! Vejam só que censura me faz! — objetava irada a velha de nariz violeta. — Tu devias era ficar calada, sujeitinha à toa! Pensas que não sei que o sacristão te visita todas as noites?

A mulher do tecelão explodiu.

— O sacristão o quê?... quem o sacristão visita? que mentira é essa?

— Sacristão? — resmungou a mulher do sacristão, metida num casaco de pele de coelho forrado de brim azul. — Quem está falando do sacristão? vou te mostrar o sacristão!

— Olhe aí quem recebe o sacristão! — disse a mulher de nariz violeta, apontando para a mulher do tecelão.

— Ah, então és tu, sua cachorra — disse a mulher do sacristão chegando-se à do tecelão. — Então, sua bruxa, és tu que andas jogando areia nos olhos dele e dando chá da erva do diabo pra que ele te visite?

— Deixa-me em paz, sataná! — dizia a mulher do tecelão, recuando.

— Sua bruxa maldita, tomara que não vivas para ver teus filhos nascerem, sua imprestável! fu!... — e a mulher do sacristão acertou uma cusparada bem nos olhos da mulher do tecelão.

A mulher do tecelão quis fazer o mesmo, mas acabou dando uma cusparada na barba crescida do alcaide, que, para ouvir melhor tudo aquilo, chegara bem perto das contendoras.

— Ah, mulher nojenta! — gritou o alcaide, limpando o rosto com a aba do casaco, e levantando o chicote. Esse movimento fez todas se afastarem entre insultos para todos os lados. — Que coisa nojenta! — repetiu ele, continuando a limpar-se. — Quer dizer que o ferreiro se afogou! Ah, meu Deus! que pintor importante que ele foi! que boas facas, foices e arados ele sabia fazer! que força era aquela! Eh... — continuou o alcaide, meditando — temos pouca gente como ele no povoado. Bem que eu, ainda metido no maldito saco, percebi que o coitado estava muito transtornado. Vejam só que coisa: estava vivo, agora não está mais! E eu que queria ferrear minha égua pintada!... — e, imbuído desses pensamentos cristãos, o alcaide saiu a duras penas para sua casa.

Osana ficou desconcertada quando lhe chegaram essas notícias. Não dava crédito aos olhos de Perepiértchikha nem às conversas das mulheres, pois sabia que o ferreiro era bem religioso para decidir pôr a alma a perder. Mas o que poderia acontecer se ele realmente havia partido com a intenção de nunca mais voltar ao povoado? E dificilmente se encontraria em outro lugar um rapagão como o ferreiro! Ele a amava tanto! Mais do que ninguém, suportava os seus caprichos! A belidade passou a noite inteira rolando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita debaixo do seu cobertor — e não conseguiu adormecer. Ora se maldizia quase em voz alta, escarrapachada em sua nudez fascinante, que a escuridão da noite ocultava até dela mesma, ora, calada, resolvia não pensar em nada, e no entanto pensava. E ardia toda; quando amanheceu, estava perdidamente apaixonada pelo ferreiro.

Tchub não manifestou nem alegria nem tristeza pela sorte de Vakula. Tinha os pensamentos voltados para uma única coisa: não havia jeito de esquecer a traição de Solokha e, sonolento, não parava de amaldiçoá-la.

O dia amanheceu. Toda a igreja estava cheia desde a madrugada. Mulheres idosas de saiais brancos e suéteres brancos de tecido ralo se benziavam contritamente em plena saída da igreja. À sua frente haviam-se postado fidalgas vestidas de blusas amarelas, outras até de *kuntuchs* azuis com bordados em arabescos nas costas. Mocinhas, que tinham enrolada na cabeça uma venda inteira de fitas, com colares, cruzeiros e medalhas nos pescoços, procuravam acercar-se mais da iconóstase. Mas, na frente de todas, estavam os nobres e os mujiques humildes, de bigodes, casacos de pele, pescoços grossos e queixos recém-barbeados, a maioria vestindo capotes encapuzados sob os quais aparecia um suéter, branco em uns e azul em outros. Para onde quer que se olhasse, em todos os rostos estava estampado o clima de festa; o alcaide lambia os beiços, imaginando-se quebrando o jejum com salame; o moçame sonhava em deslizar no gelo com a rapaziada; as velhas, mais aplicadas do que nunca, sussurravam orações. Em toda a igreja se ouvia como o cossaco Svierbiguz batia penitência.²⁸ Só Osana parecia uma alma penada. Rezava, mas não era reza. Seu coração estava tomado de tantos sentimentos estranhos, cada um mais amargo que o outro, cada um mais triste que o outro, e seu rosto traduzia apenas uma forte perturbação; as lágrimas tremiam em seus olhos. As moças não conseguiam entender o motivo e não suspeitavam que fosse o ferreiro o causador. No entanto, Osana não era a única ocupada com o ferreiro. Todas as pessoas notaram que a festa era como se não fosse festa; era como se faltasse alguma coisa. Como por desgraça, o sacristão ficara rouco depois do passeio de saco e mal se ouvia sua voz de cana rachada; é verdade que o cantor visitante tirava um magnífico baixo, porém seria muito melhor se ali estivesse o ferreiro, pois, mal começavam a cantar o Padre Nosso ou o Querubínico, ele se pos-

tava numa ala e de lá entoava um cântico desses que só se ouvem em Poltava. Além do mais, o ferreiro era o único que exercia as funções de zelador dos bens da igreja. Já haviam passado as matinas; depois das matinas veio a missa... onde teria mesmo se metido o ferreiro?

* * *

No resto da noite, o diabo foi ainda mais veloz ao trazer de volta o ferreiro. E, num abrir e fechar de olhos, viu-se Vakula ao lado de sua casa. Nesse momento, o galo cantou.

— Aonde vais? — gritou ele, agarrando pelo rabo o diabo que tentava fugir. — Espera um pouco, meu caro, ainda não acabou: eu ainda não te agradei.

Pegou um cipó, deu-lhe três cipoadas, e o pobre diabo saiu em disparada como um mujique que acaba de ser chicoteado pelo assessor. E assim, em vez de enganar, seduzir e fazer os outros de bobo, foi o próprio inimigo do gênero humano quem acabou sendo feito de bobo. Depois disso, Vakula entrou no saguão, enfiou-se debaixo do feno e dormiu até a hora do almoço. Assustou-se ao despertar, vendo que o sol já estava alto: “Perdi as matinas e a missa!”. E então, o devoto ferreiro caiu em desânimo, imaginando que na certa tinha sido Deus que o havia castigado deliberadamente por sua pecaminosa intenção de perder a alma, mandando-lhe esse sono que não lhe permitiu nem assistir a uma festa tão solene na igreja. Voltando, porém, à calma, porque na semana seguinte iria confessar tudo isso ao padre e a partir daquele dia começaria a bater cinquenta penitências por ano, ele deu uma olhada pela casa; mas não havia ninguém. Pelo visto, Solokha ainda não havia voltado. Tirou cuidadosamente as botinhas de debaixo da camisa, e novamente ficou maravilhado com a preciosa obra e o acontecimento encantador da noite passada; lavou-se, vestiu-se da melhor maneira possível, pondo a mesma veste que arranjara com os *zaporójinos*; tirou do baú um chapéu novo de *smuchka* de Rechetílovka co-

berto de azul, que ainda não usara uma única vez desde que o comprara quando estivera em Poltava; tirou ainda um cinturão novo, de todas as cores; fez uma trouxa com tudo isso e mais um chicote, e rumou para a casa de Tchub.

Tchub arregalou os olhos quando o ferreiro entrou, e ficou sem saber do que se admirar: se da ressurreição do ferreiro, da ousadia de ele vir à sua casa ou do fato de estar usando um traje tão elegante e de *zaporójino*. No entanto, ficou ainda mais maravilhado quando Vakula desfez a trouxa, pôs diante dele o chapéu novinho e o cinturão de um tipo que ele nunca tinha visto no povoado, ajoelhou-se a seus pés e disse com voz suplicante:

— Perdão, pai! não te zangues! Aí tens um chicote; bate até matar a vontade, eu mesmo me entrego; eu me arrependo de tudo; bate, só não te zangues! Outrora foste como um irmão para o meu falecido pai, comeram juntos da mesma comida e beberam da mesma bebida.

Não foi sem uma satisfação velada que Tchub viu o ferreiro, o mesmo homem que no povoado não ligava para ninguém, que dobrava com os dedos uma moeda ou uma ferradura de cavalo como quem dobra broas, agora ajoelhado a seus pés. Para não se desacreditar ainda mais, Tchub pegou o chicote e deu-lhe três chicotadas nas costas.

— Bem, já chega, levanta-te! ouve sempre os mais velhos! Vamos esquecer tudo o que houve entre nós! E agora diz o que queres!

— Dê-me Osana em casamento, pai!

Tchub refletiu um pouco, olhou para o chapéu de pele e o cinturão; o chapéu era uma beleza, o cinturão não ficava atrás, lembrou-se da desleal Solokha e disse resolutivo:

— Está bem! Manda vir os casamenteiros!

— Ai — exclamou Osana, entrando e vendo o ferreiro, e fixou nele o olhar alegre e maravilhado.

— Olha que botinhas eu te trouxe! — disse Vakula —, as mesmas que a czarina usa.

— Não! não preciso de botinhas! — disse ela, agitando as mãos e sem tirar os olhos dele. — Até sem botinhas, eu... — não concluiu a fala e corou.

O ferreiro chegou mais e segurou-lhe a mão, a beldade até baixou os olhos. Nunca estivera tão encantadoramente bela. O maravilhado ferreiro deu-lhe suavemente um beijo, ela ficou com o rosto ainda mais corado e ainda mais bela.

* * *

Passava por Dikanka um prelado de saudosa memória, elogiava o lugar em que se situava o povoado, e ao passar pela rua, parou diante de uma casa nova.

— De quem é essa casa tão bem pintada? — perguntou o reverendíssimo a uma linda mulher, que estava à porta em pé e com uma criança no colo.

— É do ferreiro Vakula! — disse-lhe Osana, fazendo reverência, porque era ela mesma que ali estava.

— Magnífico! uma bela obra! — disse o reverendíssimo, observando as portas e as janelas.

As janelas eram todas pintadas de vermelho; em todas as portas havia pinturas de cossacos a cavalo e com cachimbo na boca. Mas o maior elogio o reverendíssimo fez a Vakula, quando soube que ele havia suportado a penitência dada pela igreja e pintado de graça toda a asa esquerda, de verde e com flores vermelhas. Mas isso ainda não era tudo: na parede lateral a quem entra na igreja, Vakula pintara um diabo no inferno tão repugnante que todos que passavam por perto cuspiam; as mulheres, assim que seu filhinho começava a chorar em seu colo, aproximavam-no do quadro e diziam: “Olhe, aquilo ali foi pintado com cocô!”, e a criança parava de chorar, olhava de esguelha para o quadro e cosia-se ao peito da mãe.